

0

Carta Póstuma a Samuel Beckett

SAMUEL BECKETT

PARIS

C.C.: Helena Martins

PUC-RIO

09 de julho de 2010

Caro Beckett,

“Desculpe-me pelo longo silêncio. A dificuldade de escrever é cada vez maior, até mesmo cartas.” Inobstante, sinto-me impelida a dividir com você algumas reflexões a respeito de sua Carta Alemã da mesma data da presente, mas escrita no ano de 1937. Já que não se tem notícia de uma resposta proveniente de seu destinatário original, tomo a liberdade de oferecer seu destino a mim.

Devo confessar-lhe que não me ocuparei a fundo aqui do que chamo a “primeira parte” de sua carta, ou da sua decisão de não traduzir a poesia de Ringelnatz. Isso porque o que você considera uma dele “obsessão por versos”, me lembra o que Barthes chama “[d]o afastamento mesmo das palavras” na Poesia Clássica. A linguagem como instrumento de fôrma, esculpindo uma tal “superfície das palavras”, dedicando-se ao seu alinhamento, à disposição em que se colocam na enunciação, à forma da formulação. Admito não simpatizar particularmente com essa visão da arte como técnica, leia-se, uma arte regrada. Já faz algum tempo que vanglorio a ordem apenas e somente como possibilidade de abertura para a desordem. Algo como, deixar a bagunça entrar. Essa sim parece render frutos. Dessa sim, podemos extrair sulcos.

Portanto, passemos logo àquilo que mais me instiga em sua Carta Alemã. Reflito sobre a decisão em si de torná-la alemã, de compô-la em uma língua outra que não a sua originalmente. Compreendo seu desejo de fugir do - para você - já tão monótono e enraizado inglês, e admiro seu interesse em pecar contra um idioma ainda em vias de maturação na sua pessoa. No entanto, com você, não deixo de pensar: Será realmente necessário violar uma língua estrangeira para alcançar a

involuntariedade da linguagem? Estariam os falantes nativos de uma língua eternamente presos aos seus lugares-comuns? Será que a língua comum materna nunca chega a se mostrar fora do seu ordinário? Será que consciente e intencionalmente ela não pode vir a se consubstanciar no (extra)ordinário?

Mergulhada na reflexão dessas tantas vias, imagino para onde e como a linguagem pode se expandir, se quebrar, se movimentar, dançar, seja numa língua nossa, seja numa língua outra. Construo pontes, começo a querer fazer dialogar, imagino Gertrude Stein conversando com Guimarães Rosa, Baudelaire, Gilles Deleuze e com a sua poesia. Podemos neles entrever caminhos consonantes ao seu, reações à sua provocação de abusar, de atacar a linguagem. Também eles debatem sobre revelar o que há por trás da máscara, ou o que se esconde sob o véu. Você lançou tal desafio como o “objetivo maior do escritor de hoje”, e, aqui, passamos a tentar olhar pelo buraco da fechadura, a desobstruí-la e a abrir espaço para o seu deslizamento, para o seu vazamento. Deixemos pingar.

É assim que, de uma maneira um tanto vazada, reunimos algumas ainda incipientes reflexões sobre aquilo que se pode descobrir ao mexer na língua, ao fazê-la eriçar-se, ao pô-la em movimento, deixando de lado a sombra de fixidez que, há tanto, insiste sobre ela pairar. Afastemo-nos para aproximarmo-nos.

Salve a Liga Logoclasta!

Cordialmente,

T.T.